

CARNAVALESCO DA MODA

Chamado este ano para ser figurinista da escola de samba Porto da Pedra, no Rio de Janeiro, o estilista baiano Fábio Sande comemora a valorização do seu trabalho pela folia carioca e se arrisca a dizer: “O Carnaval de Salvador é feio”

por CAROLINA COELHO

FOTO: Rômulo Portela

“Em nenhuma época do ano há um respeito pelos estilistas daqui. Conheço excelentes profissionais que deixaram de trabalhar porque não eram bem remunerados. A moda da Bahia está acabando”

Em um visual despojado, vestindo short jeans rasgado e chinelo de dedo, Fábio Sande nos recebe em um dos seus ateliês personalizados com decoração toda em preto e branco, enquanto seu motorista o espera para levá-lo a uma hora marcada no salão. Quem acompanha as novidades do mundo da moda sabe que Fábio é uma figura marcada nos eventos fashions da capital baiana, além de ser o queridinho das noivas, misses, debutantes e formandas – e também das mães, irmãs e avós, coestrelas das festas – que depositam no estilista o sonho de estarem perfeitas no dia mais importante de suas vidas.

Apesar de ter um tino afinado para embelezar mulheres, a paixão do estilista está mesmo é no Carnaval. Desde dezembro de 2012, Fábio está entre idas e vindas entre o Rio de Janeiro e Salvador, depois que foi convidado pelo carnavalesco Leandro Valente para confeccionar alguns dos figurinos da escola de samba carioca Porto da Pedra. As fantasias da musa da escola, do casal porta-bandeira e mestre-sala foram confeccionadas por Fábio aqui na Bahia e levadas para o Rio de Janeiro. Lá, o estilista ainda participou da composição dos carros alegóricos, arranjando os minuciosos detalhes que fazem do Carnaval carioca a festa do luxo e da beleza.

Aos 39 anos e com a experiência de uma vida regada a muita moda e Carnaval, Fábio é enfático ao dizer: “O Carnaval de Salvador é muito feio, tudo é entupido de propagandas e ninguém se preocupa em deixar os trios bonitos”. Sem um cuidado especial com o patrimônio carnavalesco baiano, o estilista chama a atenção para as filmagens feitas pelas emissoras de televisão, que só mostram os trios e seus cantores e não o carnaval da pipoca. “Ninguém quer ver os ambulantes dormindo nas sarjetas, as caixas de isopor e a sujeira deixada no chão”, opina. E continua: “Os organizadores daqui ainda não entenderam que é preciso vender o belo. A escola de samba é o que é porque é uma coisa linda de se ver”, argumenta ele.



Convidada para ser musa do Galagay Bahia, Monique Evans veste e usa adereços produzidos por Fábio Sande

FOTO: Alexandre Macieira/RIOTUR



Casal de mestre-sala e porta-bandeira da escola de samba Porto da Pedra com fantasias confeccionadas pelo estilista



Com vestidos únicos e personalizados, Fábio não faz aluguel de roupas, mas mantém um ateliê com alguns modelos para exposição



Um dos vestidos de noiva produzidos pelo estilista para sua coleção de fim de ano

No Carnaval do axé, Fábio já participa há 14 anos montando a decoração de alguns camarotes e confeccionando o figurino de cantoras baianas, como Emanuelle Araújo, Aline Rosa, Carla Cristina, Gilmelândia, Simone Sampaio e Viviane Tripodi. Mesmo as estrelas desfilando com seus vestidos em cima dos trios, o estilista afirma que não há uma valorização do trabalho dele por aqui. “É só as pessoas fazerem mais sucesso para começar a procurar profissionais de fora”, diz. Ele afirma que não há ressentimento, mas que esse comportamento desestimula o mercado de moda baiano. “Em nenhuma época do ano há um respeito pelos estilistas daqui. Conheço excelentes profissionais que deixaram de trabalhar porque não eram bem remunerados”.

Por isso, o estilista lamenta não ter um concorrente no mesmo nível profissional que o seu, e afirma: “A moda da Bahia está acabando”. Sem o incentivo do mercado, que não absorve os novos estilistas e com a mão de obra custando muito caro para quem está começando, ele não vê um horizonte favorável para a produção da moda baiana. Mas ele conta que nem sempre foi assim. Ainda pequeno, podia acompanhar o trabalho dos estilistas baianos Di Paula, Ney Galvão e Júlio César Habbib, que despertavam nele admiração e identificação.

Quando o Carnaval acaba, Fábio investe sua produção nos vestidos e acessórios de festa, que custam entre R\$3 mil e R\$15 mil, dependendo dos materiais usados. Todos os tecidos e os cristais diferenciados, ele traz do Rio de Janeiro. “Não encontro nada para vender aqui, então preciso trazer de fora. Não vou a São Paulo porque todo o mundo tem o que vende lá. No Rio ainda encontro coisas distintas”, revela. Trabalhando há dez anos com uma equipe formada por costureiras, bordadeiras, adrecista, secretária e motorista, ele consegue confeccionar cerca de 180 vestidos de festa por ano e ainda fazer o lançamento de uma nova coleção em dezembro.

Agora, de volta à Bahia depois de três meses de intenso trabalho, Fábio retorna aos atendimentos às suas clientes, que esperavam ansiosamente pelo seu retorno. Ao ser perguntado sobre a possibilidade de deixar tudo aqui e ir morar no Rio de Janeiro, ele pensa e responde: “No Rio de Janeiro, eu sou apenas mais um, aqui já tenho meu público”. **[B*]**